

Dança - Educação Para Crianças do Ensino Público: é Possível?

Education Dance for Children From the Public Teaching: is it Possible?

LIMA, P. R. F.; FROTA, M. A. Dança - Educação Para Crianças do Ensino Público: é Possível? *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(3): 137-144.

RESUMO: Busca fomentar reflexões acerca da dança-educação. Sabe-se que dançar é uma atividade inerente ao ser humano, porém noutras abordagens torna-se instrumento de apelo à perniciosa promoção da sexualidade precoce das crianças. Aplicar a dança-educação nas escolas públicas parece utópico, porém a educação solicita conteúdos mais atrativos para um desenvolvimento integral. Para este objetivo, faz-se um levantamento de aspectos da dança que perpassa desde o seu surgimento à sua realidade no âmbito da educação brasileira na contemporaneidade. Delineiam-se ainda, referências relevantes do ensino da dança-educação no Brasil, como também a dança se desvela para o ensino como um meio de educar, promover a saúde e formar cidadãos crítico-reflexivos. É possível?

Palavras-chave: Dança-educação. Criança. Educação Física.

LIMA, P. R. F.; FROTA, M. A. Education Dance for Children From the Public Teaching: is it Possible? *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(3): 137-144.

ABSTRACT: Searches to instigate reflections about educational-dancing. It've been known that dancing is an activity inherent in human being, but in another approaches become a instrument of appeal for a harmful promotion of premature children sexuality. To Put educational-dancing into practice in public schools seems like utopia, however the education request contents more attractive for an integral development. To reach this goal, dance aspects are picked up since the beginning until his actual reality in the scope of the Brazilian education. Relevant references are established about the educational –dancing teaching in Brazil besides of how the dancing shows for the teaching like a mean to educate, promote the health and form critic-reflexive citizens. Is it possible?

Keywords: Educational-dancing. Children. Physical Education.

Patrícia Ribeiro Feitosa Lima¹

Mirna Albuquerque Frota²

¹ Mestra em Educação em Saúde. Docente da Faculdade Integrada do Ceará – FIC, Faculdade Católica do Ceará e Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - FGF (Autora Responsável).

² Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem e do Mestrado em Saúde Coletiva - UNIFOR.

Recebimento: 01/2007

Aceite: 06/2007

Situando a dança no tempo

Desde os tempos mais remotos, têm-se registros da dança como manifestação instintiva do homem, onde a dança existiu antes mesmo da fala, pois nas cavernas pré-históricas foram encontrados desenhos de figuras dançantes. Nessa afirmação, presume-se que o homem exercia a dança como uma atividade efetiva do seu cotidiano, pois o ser primitivo registrava apenas o que lhe era relevante⁽⁸⁾.

Os primeiros registros do homem dançando, foram no período Paleolítico Superior, época em que a preocupação era com a sobrevivência, sendo o individualismo uma característica peculiar^(2,16). A dança era um instrumento de defesa, em que o homem vestia-se com pele de animais, incorporava suas características, arriscava alguns passos realizando movimentos fortes, unidos ao instinto selvagem para amedrontar inimigos. Esta é denominada dança pantomima. Possui características de funcionalidade, pois servia para: aquecer o corpo, comunicação e atrair parceiros ao coito, auxiliando como consequência a multiplicação da espécie humana.

Nanni⁽¹⁷⁾ reforça que a dança foi para o homem primitivo um veículo de expressão dos sentimentos. Fazia parte dos rituais tribais, assim como representava a emoção e a religiosidade, a alegria do recebimento das dádivas, o encontro com a natureza, o agradecimento pela vida, na guerra, na paz, no nascimento e na morte. No convívio social, aconteciam momentos dançantes, os quais representavam elos que socializavam e propiciavam relações.

A dança evoluiu e tornou-se arte. Sua expansão aconteceu numa diversidade de estilos, funções e aplicações e, hoje, traduz uma das mais antigas formas da expressão corporal, mostrando-se uma perspectiva de utilizá-la como possibilidade de atuação, dentre muitas, como recurso de educar o corpo e, por que não dizer, educar o ser por inteiro.

Observamos, entretanto, que nos últimos 10 anos, há pregações da dança representadas com expressões dúbias, acrescidas de versões depreciativas, manuseadas por leigos ou por profissionais desatentos. Referimo-nos às danças apelativas e banalizadas, caracterizadas por acentuado enfoque na

sexualidade precoce, divulgadas pela mídia, que por ora contribui, neste aspecto, para deseducação das massas, principalmente de crianças e jovens. Portanto, pela diversidade de estilos existentes, faz-se necessário esclarecer a linha de dança que será discutida, refletida e a intervenção no âmbito da educação.

Definir a dança por meio de palavras será sempre um desafio para os profissionais da área, pelo forte motivo que leva a seguir esta profissão (amor). Este sentimento revela-se indescritível muitas vezes, noutros momentos porém, pode ser externado com um simples gesto: a própria execução, o dançar. Como arte representante da expressão motriz, assume, junto com a ginástica artística, uma classificação como esporte de expressão corporal, por ter a competência de externar sentimentos, instigando a emoção tanto do praticante como também do espectador⁽²³⁾.

Já em 1998⁽¹³⁾, ressaltava que o homem, ao dançar, consegue satisfazer a necessidade do seu organismo, de se expressar, movimentando e interagindo o corpo, a mente e a alma, aproximando o ser do autoconhecimento. Acrescentamos que esta atividade propicia prazer, por intermédio da liberação de hormônios que promovem uma sensação de bem-estar, não só no aspecto fisiológico concedido pelo movimento, mas pelo fato de realizar trocas metabólicas, ativando reações orgânicas que animam o ser por inteiro.

A partir de qual idade vivenciamos o movimento corporal?

Ressaltamos que o movimento, considerado uma atividade inerente ao ser humano, apresentado em formato rítmico, manifesta-se desde antes do nascimento pelo ritmo fisiológico e cadenciado realizado pelo feto, que se processa na interação do binômio mãe-filho⁽¹⁾.

Desde 1987⁽¹⁴⁾, revelava que, na vida intra-uterina, a criança convive com o ritmo e suas variações, percebe e se adapta aos estímulos externos e ao biorritmo da mãe que é composto por: respiração, fluxo sanguíneo, batimentos cardíacos, voz, entre outros. Como consequência dessa atividade rítmica, torna-se essencialmente um ser dançante, pois recebe estímulos advindos de cadências diversas, como, por exemplo, a música. Assim, a receptividade à melodia se caracteriza

por uma manifestação do corpo.

Acrescentamos que a dança se mostra, por vezes, acompanhada por música, que é um fenômeno social universal e faz parte da formação da personalidade. Uma composição musical é capaz de alterar o estado de espírito do ouvinte. Portanto, o convívio cotidiano com elementos musicais estimula e intervém na prática com a dança, que acompanhará o ser humano até o limiar da velhice⁽¹⁾.

O povo que não dança...

A sociedade brasileira contemporânea se depara com um aumento contínuo e exacerbado de crianças e adolescentes em situação de pobreza. Segundo o Fundo das Nações Unidas para Crianças – UNICEF⁽¹¹⁾, 45% das crianças brasileiras (no Nordeste este percentual atinge 68,4%) vivem em domicílios com rendimento mensal familiar de até 1/2 salário mínimo. Assim, são negados direitos básicos, tais como saúde, educação, moradia, lazer, entre outros. Tais direitos são garantidos na Lei 8.069⁽³⁾, de 13 de julho de 1990, o tão divulgado, mas nem sempre cumprido Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelecer e assegurar estes direitos, ele não se faz valer diante da realidade dos fatos. As ações capazes de proporcionar uma vida digna para tais pessoas acontecem de forma discreta e tímida, haja vista que a concretização de políticas públicas é concebida e percebida muito mais como peça de ficção do que como realidade.

A desigualdade na distribuição de renda acarreta um aumento de grupos sociais tachados de pobres. Isto decorre de vícios pertencentes às políticas sociais mal cumpridas pela dispersão dos objetivos, clientelismo e paternalismo, é desviada e dificultada uma emancipação social e econômica da população de baixa renda. O constante favorecimento dos ricos afeta negativamente a população pobre, que é a maior contribuidora da arrecadação tributária⁽²⁰⁾.

Percebemos que os governos, sucessivamente, se mostram indiferentes e não conseguem priorizar ações para inversão desta questão social, a qual denota um quadro amplo de fome (carências que vão desde a

falta de alimento à ausência de cultura, ou seja, acesso ao conhecimento sistematizado). Pobreza não é só o estado em que as pessoas carecem de bens materiais, mas sim corresponde a um *status* social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente quem vive nessa condição⁽¹⁹⁾. Quem se reconhece pobre já carrega consigo uma pecha que levará a conseqüências negativas por conta dessa condição social. Acrescentam-se restrição ao acesso à educação formal e informal de qualidade, como também a diminuição da possibilidade de propiciar aos seus dependentes o acesso à cultura, a uma profissão etc.

Paulo Freire⁽¹⁰⁾, enfatizava contudo, a responsabilidade da educação no contexto da promoção social, afirmando que os pobres começam a visualizar a educação num prisma de mudança e iniciam a exigir escolas, a ter vontade de ir à luta, portanto, essa consciência faz uma correspondência entre a manifestação dos pobres e a reivindicação. Percebem que os outros têm privilégios e com isso descobrem uma nova perspectiva por meio da educação. Se, no entanto, a educação é o caminho possível para galgar e celeremente desfrutar de seus benefícios, por meio das suas subáreas, dentre elas a Educação Física, a Arte, o Desporto, estas representam recursos importantes na formação de pessoas.

Dança para crianças do ensino público municipal

Sabe-se que, quando a dança é bem orientada, revela-se uma atividade que propicia diversão, prazer, condicionamento físico, entre outros benefícios. Infelizmente, porém, só usufrui dessas benesses parte da sociedade, isso em decorrência da condição econômica. A população menos favorecida economicamente, todavia, não têm tal oportunidade de vivenciar a dança como ferramenta educativa. Os escolares das instituições públicas, estão inseridos nessa realidade.

Com uma experiência de 20 anos na área da atividade física, em especial no ensino da dança em academias e posteriormente na escola, foi possível percebermos que os alunos são receptivos às aulas de dança, como também se aproximam afetivamente do professor. Neste contexto⁽¹⁸⁾, certifica-se

que o professor de Educação Física torna-se um facilitador em potencial, não só para ensinar os conteúdos próprios da formação, mas também contribui com a retirada dos jovens da marginalidade, pois sua intervenção caracteriza-se por uma relação professor-aluno mais informal e, em consequência o educador torna-se para o aluno um confiante, o que viabiliza uma intervenção e o compromisso de recuperação do aluno, caracterizando um trabalho que transcende a saúde e alcança o aspecto social.

No ensino público, observa-se que a comunidade pobre da periferia da cidade de Fortaleza convive em condições negativas que permeiam o cotidiano, tais como: a violência, o consumo de drogas, o alcoolismo, a prostituição infantil, o desemprego, a fome, a formação de gangues, a desestruturação familiar, a carência afetiva e de diálogo, a falta de políticas públicas efetivas. Ajuntamos a estas condições maléficas, presentes nessa comunidade, a influência de pseudovalores passados pelos meios de comunicação mediante as novelas televisivas, que por ora contribuem para desencadear e estimular comportamentos agressivos desprendidos de qualidades humanas e também morais.

Dança com proposta educativa ou a dança acadêmica?

Num raciocínio comparativo para discernir quais as abordagens em dança mais usuais como a prática corporal, que preconiza o aspecto educativo na atuação profissional, o uso da dança na sala de aula não se aplica com o intuito somente de proporcionar as vivências corporais e diminuir as tensões decorrentes de esforços intelectuais⁽²²⁾. Na medida em que favorece a criatividade, proporciona contribuições no processo ensino-aprendizagem, integrando disciplinas, como também o desenvolvimento motor, ocasionando maior consciência do corpo, tornando o aluno um ser mais perceptivo e reflexivo, consciente de seu papel na sociedade e do mundo ao seu redor.

É ainda pretensão da dança-educação, além de desenvolver as qualidades físicas, promover saúde e auto-estima, podendo reaver valores sociais e humanos e ser estratégia para superar desigualdades sociais que incidem nas condições socioeconômicas dos escolares da rede pública.

Já a dança ensinada nas academias é conhecida como “dança acadêmica” ou “dança cênica”. Sampaio⁽²¹⁾ declara que o povo brasileiro é dançante. No Brasil existe um rico acervo de escolas de dança, dos mais diversos estilos. Do popular ao clássico, temos bons professores. Entre muitos que se aventuram “, há profissional que dedica toda a sua vida ao ensino da arte e do intrincado código de execução (técnica). A dança acadêmica, no entanto, apresenta-se com uma característica elitista, pois poucos possuem a oportunidade de aprender um estilo, e a população pobre apresenta insuficiente condição financeira para custear esta prática.

Dançar por meio de uma orientação profissional não é uma cena comum e de fácil acesso àqueles que não dispõem de verbas para este fim. As academias de dança visam à *performance* (alto nível técnico), à competição, à amostra ou ao espetáculo, tornando-se muitas vezes, em segundo plano o acompanhamento do aluno mediante uma orientação pedagógica da prática da dança.

Ressaltamos que a dança acadêmica no Ceará é objeto de uma evasão progressiva, a qual é possível atribuir alguns fatores contribuintes, como por exemplo, a falta de formação acadêmica dos professores, a atribuição à dança somente para formação de bailarinos e coreógrafos, é uma atividade preterida diante de outras fontes de formação concorrentes (aulas de informática, inglês etc.), a desinformação em relação aos benefícios, o preconceito estabelecido pela sociedade em restringi-la numa prática exclusiva para mulheres e, por último, a ausência de políticas públicas que valorizem essa prática nas atividades culturais e de educação em saúde constituem motivo da incipiente procura.

Debates, apresentações e discussões denotam a crise da dança cênica. Em abril de 2006, no Ceará, profissionais preocupam-se com o mercado de trabalho. Relata uma diretora de companhia de dança: “*Estou num momento de revolta, estou inquieta. Minha companhia não tem onde ensaiar, não tem para onde ir*”. As companhias estão se acabando por falta de recursos e sobrevivem por paixão. O berço cultural da dança do Estado do Ceará está abandonado pelo Poder Público⁽¹²⁾. Percebe-se então uma discrepância das duas abordagens. Enquanto a dança cênica pede “socorro”, a dança-educação comemo-

ra sua ascensão. A demanda de alunos que fazem aulas de dança na escola apresenta-se notadamente fortalecida.

Surgem, todavia, indagações: - *Qual é a dança que educa? Existe a dança que deseduca?* O ato de dançar é por demais abrangente e seria incoerente nomear alguns estilos de dança, notando assim uma classificação ilegítima. Abordar vários estilos de dança nas aulas, levará à contribuições dispersas, as quais não aprofundam nenhuma linha, como também não desenvolvem a consciência corporal nos alunos, portanto eles “passeiam” pelas modalidades, permanecendo na superficialidade⁽²²⁾.

Não existe um estilo melhor do que o outro para educar, existem sim educadores criativos e sensíveis, e, por isso, ousam aplicar a dança no contexto da educação. Em tempo: Fahlbusch⁽⁷⁾, define que a criatividade um ato deliberado e combinado com a evolução e vivência do homem. Quanto mais utilizarmos a criatividade, mais sere-mos educadores inovadores, sairemos das mesmices das aulas “prontas”. - *Como educar por meio da minha dança?* Todos temos um jeito próprio de dançar, tendo ou não um estilo adotado ao longo dos tempos e uma dedicação maior a uma determinada técnica. O profissional de Educação Física ou o arte-educador que trabalha na área específica da dança poderá deixar em segundo plano a dança acadêmica. O professor não só precisa demonstrar o domínio de um ou mais estilos e técnicas, mas, também, sobretudo enfrentar a quebra de paradigmas associados a ser professor nesta área.

A dança acadêmica ou cênica exige um padrão de movimentos obedecidos a um comando que desrespeita a individualidade biológica (princípio do treinamento desportivo) não objetivando saúde, muito menos educação para formação humana. Está ligada à estética, à plástica; trabalha idéias e emoções. É uma arte bela, porém restrita. Os movimentos atrelados não são naturais, limitam a liberdade de expressão, a sensualidade e a livre manifestação do homem, caracterizando, assim, estereotipadas sociedades modernas⁽¹⁷⁾.

A aplicação da dança na escola possibilitará novas descobertas acerca do movimento livre, da expressão própria, da propriocepção adquirida e elaborada coletivamente,

antes da imposição de uma linha de trabalho estilizado. O professor deve conhecer as benesses das práticas após a efetivação. Podemos mencionar valências múltiplas, desde as físicas a psicológicas, tais como o condicionamento físico, a capacidade cardiorespiratória, a sociabilização, a auto-estima, o equilíbrio, a flexibilidade, a resistência muscular localizada, o relaxamento, a coordenação motora, a disciplina, a postura corporal, força muscular, dentre outras.

No programa de dança-educação, destacam-se as prioridades de procurar desenvolver um indivíduo integral, associando corpo, mente e emoção; ampliar a variedade dos movimentos, facilitar o autoconhecimento, assim como observar, analisar e refletir sobre o dançar e, por último, definir uma linha estética e fomentar discussões acerca da aula. É necessário lembrar que os conteúdos planejados para a aula devem ser alcançáveis, respeitando as peculiaridades da turma. Ressaltamos ainda que, ao ingressar na escola, a criança tem uma concepção acerca do corpo adquirida em práticas informais. Assim, o professor deve aproveitá-la e adicionar novos procedimentos. Todo movimento decorrente da prática da dança é seguido de emoções fortes, como alegria, motivação etc, deve ser estimulado e orientado para que a função pedagógica desperte no aluno uma relação concreta sujeito-mundo^(9, 24).

O professor poderá realizar atividades geradoras da compreensão, da disciplina, do autoconhecimento, da desinibição, da reflexão, podendo adiante modificá-las ao deparar algumas dificuldades. A dança-educação ou dança educativa manifesta um despertar para a criação, o prazer, a fantasia e a expressividade, catalisados por meio da espontaneidade e do descompromisso com a “ditadura” tecnicista, ou seja, desvincilhado de um modelo embasado unicamente na obediência ao gesto técnico.

Evidenciamos o fato de que diversos temas podem ser criados, como a imitação dos animais. O viajar pelo mundo real e imaginário, por exemplo, que exibem mecanismos de possibilidades docentes na dança-educação. Ainda juntamos a idéia de que a convivência da criança consigo, com os colegas, a interação com a musicalidade, o despertar para a arte e a valorização da cultura regional, tudo isso conduz a dança ter um papel

fundamental de facilitar o desencadeamento de um ser equilibrado com a possibilidade de atitudes éticas e saudáveis.

O professor ainda pode aplicar atividades naturais que envolvam os atos de correr, saltitar, girar, subir, deslizar, empurrar, levantar, rastejar e cantar. Pode desenvolver também dentro das aulas as variações dos andamentos musicais na execução de cada movimento: o lento (adágio), o moderado (moderato) o rápido (allegro); experienciar elementos específicos da dança associados à sequência pedagógica, que inicie do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do espontâneo para o ordenado, das atividades de curta para as de longa duração; solicitar um exercício individual para ser concebido e refletido; em seguida, é possível estabelecer a consciência do trabalho em grupos.

Todo movimento vem acompanhado de um sentido, elaborado a partir da concepção motora que o aluno possui, respeitando e incentivando sua autonomia e poder de criação. Para tanto, é importante programar a aula, pois a dança-educação, mesmo mostrando-se espontânea e criativa, não se deve caracterizar por uma aula com prevalência de sucessivos improvisos. Assim, o ensino da dança deve ter planejamento, objetivos e conteúdos planejados e prontos; o plano de aula deve ser elaborado e direcionado para atender a realidade do grupo.

A seleta escolha musical

A qualidade do ensino da dança não só depende da disposição de dançar, tampouco do educador, em elaborar movimentos coerentes com a faixa etária dos alunos (ou com o nível de desenvolvimento motor), mas também do acervo musical pertinente à proposta do trabalho. Assim como o movimento, o acompanhamento rítmico deve também compactuar com o compromisso de educar. Dessa forma, entende-se a necessidade da harmonia aliada à dança buscando a proposta de trabalho.

É fato conhecido que a arte educa, mas também pode deseducar se for realizada de forma medíocre. A mídia é uma superpotência de informação e divulgação da arte. Só que parte da sociedade distraída recebe como arte verdadeiras agressões sonoras poluidoras e contribuintes para a má formação das pessoas no sentido da moral e da ética.

A cultura de massa tem uma intenção puramente comercial e não educativa, muitas vezes desacredita a imagem do ser humano e em se tratando de conteúdo poético, pois tem uma qualidade de produção camuflada, uma vez que a meta é o lucro mediante de um produto que não preconiza educação, por vezes, entretenimento.

Um dos desafios para o educador é afrontar, inibir durante as aulas, a divulgação e reprodução de melodias banais, as quais parte da sociedade absorve, concebe e muitas vezes se alia por uma identificação talvez momentânea do ritmo ou mesmo por falta de opções em virtude da globalização, ou seja, do monopólio industrial cultural articulado no País. Sendo um meio quase ilimitado de aprendizagem, a dança-educação não pode se desviar do conteúdo educativo, evitando os modismos atenuados, alertando sobre interesses da cultura massiva, para que o trabalho não compactue com a alienação da propagação maciça omitindo a existência de estilos puramente comerciais, despertando o senso crítico.

Com efeito, o professor há de se tornar um pesquisador em busca de produções fonográficas, de eleger ritmos estimulantes, possibilitando a criação rítmica de acompanhamentos próprios (bater palmas, estalar os dedos, utilizar objetos como caixas de fósforos, bastonetes, empregar a voz etc). Vale acrescentar ainda que, no trato do acompanhamento rítmico, o profissional de dança-educação pode inserir a oportuna abordagem coreográfica, com repertórios variados, inclusive o uso da música popular brasileira.

O ensino da dança na Educação e na Educação Física

Para o Conselho Nacional de Educação – CNE⁽⁶⁾, a Educação Física é uma ciência com enfoque no estudo e na intervenção do movimento humano, com base nas diversas manifestações da atividade física, nas quais estão inseridos a ginástica, o jogo, o esporte nas suas dimensões sociais (participação, educação, saúde e competição), a luta e a dança, nas perspectivas da prevenção de doenças, promoção da saúde, da proteção e incentivo ao fortalecimento da cultura, da educação motora, do lazer e de outras atribuições afins.

A Educação Física como promotora de: Educação e Saúde; aproxima-se com grande propriedade de uma abordagem humanística, em prol da melhoria da qualidade de vida das pessoas. No entanto, alerta para o fato de que é quase impossível interferir no processo saúde-doença e educação integral, se a Educação Física não ouvir, estudar, analisar, avaliar e refletir o que pensa e o que acontece em saúde hoje, especialmente na dimensão macro, ou seja, nos aspectos coletivo, público e social⁽¹⁵⁾. É mister saber que a Educação Física precisa despertar para uma atuação com maior protagonismo na sociedade.

Entre os conteúdos abordados no ensino superior de Educação Física, também se encontra a dança. De acordo com o CNE, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais⁽⁵⁾ para os cursos de graduação em Educação Física, a dança é citada nos artigos 3º e 6º. Portanto, profissionais de Educação Física obtiveram na formação acadêmica experiências no estudo e aplicação do ensino da dança. No ensino formal, a dança, além ser estudada no Ensino Superior, também está contida na educação básica segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S). Mesmo, porém, sendo um conteúdo abordado nos cursos de graduação, a atuação profissional no que diz respeito ao ensino da dança, não demonstram expressividade relevante na Educação e na Educação Física de modo especial. No Brasil, os cursos de graduação de Licenciatura em Dança são minoria, haja vista que o número de profissionais que se formam é insuficiente para atender a uma demanda nacional na atuação do ensino da dança.

Considerações finais

A atuação do ensino da dança como ferramenta educativa desperta ao professor de Educação Física para a responsabilidade dessa intervenção, garantida na Lei 9696/98 (Lei do profissional de Educação Física)⁽⁴⁾. A ausência de professores qualificados acarreta um abismo na dança-educação. O profes-

sor que trabalhar seus conteúdos de dança de maneira lúdica, participativa e transformadora, estará contribuindo para a formação de um ser crítico e reflexivo. Negar ou se descomprometer desse direito é tolher a oportunidade do aluno descobrir habilidades e concorrer para a negação ao corpo, promovendo um ser dicotomizado.

Reconhecida como uma arte calcada na atividade física, a dança tem inúmeras possibilidades de aplicação e atende aos mais diversos objetivos dos praticantes. O compromisso de educar por meio da dança é um desafio para os professores de Educação Física que optarem pela área das atividades rítmicas.

São evidentemente, observados entraves a serem ainda superados, ou seja, faz-se necessário traçar um enfrentamento à vulgarização da dança nas escolas, atribuídas a um *boom* de *dança da bundinha*, e repertórios afins, com direcionamento à sensualidade precoce; discernir dança-educação e dança acadêmica, desmistificar a noção equivocada de que a dança é uma arte/atividade física para ser evidenciada. Existem inúmeras formas de trabalhá-la; o educando a exhibe se quiser e ele haverá de perceber que o professor não necessita ser um exímio bailarino, e sim um bom educador com estudos específicos na área da dança-educação. Notadamente a dança-educação é antes de tudo vivenciar e promover a espontaneidade, a brincadeira, alegria, tristeza, estética, o feio, o amor, a sabedoria por meio da expressividade corporal. Esta prática promove saúde. O Brasil carece, contudo, de educadores e políticas públicas concretas que assegurem a sustentação da dança-educação, como, por exemplo: oferta disseminada de cursos de especialização em dança e projetos sociais de aplicação da dança como arte-educação. Educar neste país é o desafio e apropriar-se da dança-educação é encaminhar a possibilidade de superação.

Referências Bibliográficas

1. ARTAXO, I. e MONTEIRO, G.A. Ritmo e movimento. Guarulhos – SP, Phorte editora, 2003.
2. BÓGEA, I. O livro da dança. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2005.
3. BRASIL. Presidência da República. Lei nº 8069, 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do adolescente. Disponível em www.planalto.gov.br Acesso em 02 nov. 2005.
4. BRASIL. Decreto nº 9696/98, de 1º de setembro de 1998. Regulamenta o exercício do profissional de Educação Física. Disponível em www.confef.org.br Acesso em 15 mai. 2006.
5. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília – DF, MEC/SEF, 1998.

6. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Diretrizes curriculares para graduação em Educação Física. Disponível em <http://www.confef.org.br>. Acesso em 10 set. 2005.
7. FAHLBUSCH, H. Dança moderna e contemporânea. Rio de Janeiro, Sprint, 1990.
8. FARO, A. J. Pequena História da Dança. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
9. FREIRE, I. M. Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento. Caderno Cedes. 2001; 53:31-55.
10. FREIRE, P. Educação e Mudança. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
11. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA CRIANÇAS - UNICEF. Indicadores sobre crianças e adolescentes. Disponível em www.unicef.org.br. Acesso em 02 nov. 2005.
12. GIRÃO, J. Dança cênica, corpos em ebulição. Jornal O Povo (Vida & Arte) Fortaleza. 2006; 30 Abr.
13. LEAL, M. R. M. A Preparação Física na Dança. Rio de Janeiro, Sprint, 1998.
14. LE BOUCH, J. Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar. Porto Alegre, Artes médicas, 1987.
15. LUZ, M. T. Novos saberes e práticas em saúde coletiva: Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. São Paulo, Editora HUCITEC, 2003.
16. MENDES, M. G. A Dança. 2a. ed., São Paulo, Ática, 1987.
17. NANNI, D. O ensino da dança. Rio de Janeiro, Shape, 2003.
18. OLIVEIRA, A. R. C. O lugar do corpo na escola. In: MAGALHÃES, Jr. e VASCONCELOS, J. Corporeidade: ensaios que envolvem o corpo. Fortaleza, UFC, 2004, p.84-93.
19. PAUGAM, S. A desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo, Cortez, 2003.
20. POCHMANN, M.; BARBOSA, A.; PONTE, V. Atlas da exclusão social - agenda não liberal da inclusão social no Brasil. São Paulo, Cortez, 2005.
21. SAMPAIO, F. Ballet Essencial. Rio de Janeiro, Sprint, 1999.
22. SPARCATO, M. T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. Caderno Cedes. 2001; 53: 57-68, 2001.
23. TUBINO, M. J. G. O que é esporte. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo, Brasiliense, 1999.
24. VERDERI, E. B. L. P. Dança na Escola. Rio de Janeiro – RJ, Sprint, 1998.